

Violência Doméstica: Por trás da mente de um agressor

written by Catarina Gomes | 3 de Novembro, 2023



Porquê intervir com agressores/as? A prevenção da violência e proteção da vítima devem considerar aqueles que perpetuam a violência, a fim de alcançar e intervir nas dinâmicas que sustentam a interação abusiva. Existem limitações no trabalho isolado com a vítima, como o risco de lhe atribuir “culpa” pela ocorrência de violência.

Focando esta mudança n@ agressor@, **atribui-se-lhe a responsabilidade**, alteram-se estereótipos e crenças socialmente enraizadas que perpetuam condições geradoras e aceitação da **violência doméstica**. Ademais, potencia-se a aceitação de que a pessoa violenta **pode mudar o seu comportamento** e ter relacionamentos saudáveis e aumenta-se a **consciência social** de denunciar este crime. Por outro lado, vítimas de VD, embora desejem a interrupção da violência, **podem não querer abandonar @ companheir@** e, mesmo que exista este rompimento, a pessoa agressora tenderá a repetir os padrões de violência **noutras relações**.

Existem **diversas teorias** explicativas do comportamento de agressores/as. Algumas exploram fatores **biológicos**,

psicológicos e psicofisiológicos como determinantes do comportamento abusivo. Outras destacam **práticas parentais e/ou padrões educativos**, recurso a **castigos corporais**, reduzidos níveis de **interações positivas pais-filhos** e **falta de afeto**, defendendo a reprodução intergeracional da violência.

Algumas abrangem, ainda, fatores **culturais, sociais e situacionais**, como normas sociais, papéis sexuais de gênero e afirmação da masculinidade pela violência. No entanto, todas estas perspectivas são uni-fatoriais, tendo a revelar-se deterministas e simplistas. Os modelos multidimensionais são os mais corroborados pela ciência e eficazes para a **compreensão da violência na intimidade**. Englobam variáveis pessoais, culturais e contextuais, bem como fatores de risco, fatores psicossociais e relacionais e outras variáveis diversas para explicar o fenômeno e as motivações do perpetrador da violência.

Entre os diferentes modelos e **estratégias psicoterapêuticas** utilizados com agressores/as, os **cognitivos-comportamentais** são os mais eficazes e comuns. Estes focam-se no treino de competências sociais, competências de tomada de perspectiva e empatia, competências de regulação emocional e de autocontrolo ou de controlo da impulsividade, aumento da sensibilidade aos conflitos interpessoais e modificação de padrões de pensamento. Defendem que o comportamento agressivo **deriva de padrões de pensamento errados**, que levam ao surgimento de emoções negativas.

Assentes em modelos teóricos que defendem a existência de uma relação entre comportamento agressivo e défices de controlo do comportamento impulsivo e/ou de regulação emocional da **ansiedade, ira e frustração**, muitos programas específicos de intervenção em agressores atuam na promoção de competências de **autocontrolo da raiva**.

A intervenção passa pela reconstrução das crenças e emoções que sustentam os comportamentos agressivos. Assim, intervêm ao

nível do **controle do comportamento**, pela autorregulação e pelo controle das respostas agressivas “**automáticas**” e promovem um maior autoconhecimento e capacidade de discriminação de estados emocionais.

A título exemplificativo, na intervenção com **abusadores/as sexuais de menores** deve ter-se em conta o papel das cognições e emoções na perpetuação de abusos sexuais. As crenças implícitas dos/as ofensores/as sexuais sobre as necessidades e desejos, crenças e atitudes da vítima, moldam a interpretação dos seus comportamentos. Estes esquemas cognitivos mal adaptativos suscitam frequentemente a interpretação de que o comportamento da vítima revela preferência e intenção sexual, **contribuindo para o início e manutenção do abuso sexual infantil.**

Compreende-se que a intervenção em agressores/as de VD desempenha um **papel crucial** na prevenção da recorrência da violência, na promoção de relacionamentos saudáveis e na segurança das vítimas. A mesma centra-se, sempre, na proteção das vítimas e na responsabilização dos agressores/as. Efetivamente, a interrupção imediata da violência é um procedimento recorrente e celebrado **num contrato terapêutico no início da intervenção.**

É a partir da compreensão das **motivações do comportamento abusivo** d@ agressor@ que se intervém em direção a uma **vida livre de violência.**